

RESENHA

CASTORIADIS, Cornelius. **Figuras do Pensável - As Encruzilhadas do Labirinto VI**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

Resenhado por ANTONIO PAULO REZENDE

Professor do Departamento de História da UFPE

Castoriadis morreu em 1997, deixando uma obra marcadamente polêmica. Esteve, sempre, ligado à luta política, portanto, o significado de suas reflexões é importante para se pensar uma sociedade mais justa e igualitária. Chegou a aderir às idéias do marxismo, para depois romper, fazendo críticas ao totalitarismo stalinista e denunciando seu autoritarismo, mas também colocando em questão as bases teóricas que lhe dão sustentação. Sua atuação na revista *Socialismo ou Barbárie* é uma demonstração de suas inquietudes com relação à forma do marxismo compreender as experiências socialistas existentes no século XX. Castoriadis revela-se, portanto, um intelectual que denuncia o conformismo político da maioria diante das trajetórias mais contemporâneas da sociedade humana. Não apenas oferece um novo

quadro teórico, mas incentiva uma prática revolucionária que ameace os alicerces das tradições do moderno.

A sua obra mais conhecida é *A Instituição Imaginária da Sociedade*, onde apresenta o cerne de sua análise e os caminhos para construir uma outra concepção de mundo, diferente radicalmente das que regem a sociedade capitalista. Embora se mostre crítico e enfrente o debate com seus adversários, Castoriadis procura articular suas idéias destacando um certo pessimismo com relações às mudanças possíveis de melhorar a sociedade em que vivemos. Há, para ele, um grande vazio político, que impede ações mais direcionadas para esvaziar a prática hegemônica do capitalismo. O projeto de autonomia é ressaltado como fundamental para compreender como os homens se comportam diante do imaginário social de cada época. Há poucas alternativas, atualmente, para que esse projeto de autonomia se firme e se aprofunde.

Escreveu artigos, participou de seminários de discussão, fez conferência em vários lugares, não se restringindo apenas ao continente europeu, onde conseguiu firmar-se, em Paris, como intelectual reconhecido pela sua capacidade de arquitetar teorias e de se preocupar com a mudança política. Não era, portanto, um acadêmico distante do cotidiano, mas um intelectual que não se negava a ir às ruas e defender seu pensamento.

O livro *Figuras do Pensável* foi publicado após sua morte, reunindo artigos, conferências, entrevistas, debates. Trata-se do volume sexto da série *As Encruzilhadas do Labirinto*, cujo primeiro volume saiu em 1978. Obra de grande valor para se conhecer as suas reflexões, coerente com o que escreveu em *A Instituição Imaginária da Sociedade*, voltadas para a defesa da autonomia e para um diálogo histórico com o pensamento ocidental, desde os tempos de Platão e Aristóteles. No decorrer do livro, estão definidos seus conceitos básicos de análise, que buscam elucidar o que compõe a trajetória histórica da sociedade humana, para o autor, possuidora de singularidades importantes, que lhe dão uma dimensão específica, exigindo assim uma teoria que também faça uma leitura dessas singularidades. Os conceitos de imaginário, imaginário radical, histórico-social, autonomia, entre outros, são temas marcantes do livro em foco. Não se pode negar que a formação interdisciplinar de Castoriadis enriquece seu poder de análise, criando um interessante e estimulante

diálogo entre os saberes, dentro de uma perspectiva renovadora, onde se encontram a economia, a história, a lingüística, a psicanálise e a filosofia. Seu trabalho é, sem dúvidas, uma reflexão sobre a história que questiona paradigmas e desfaz verdades consagradas pelo pensamento ocidental.

O livro está dividido em cinco partes: poiësis, koinômia, polis, psique e logos, com suas subdivisões. No prólogo do livro, encontra-se uma reflexão que sintetiza bem o cerne das suas inquietações diante dos temas contemporâneos. Segundo Castoriadis, *“Pensar não é sair da caverna, nem substituir a incerteza das sombras pelos contornos nítidos das coisas mesmas, a claridade de uma chama pela luz do verdadeiro sol. É entrar no Labirinto[...] É perder-se nas galerias que só existem porque, incansavelmente, nós a escavamos, girar em círculos no fundo de um beco sem saída cujo acesso fechou-se por trás dos nossos passos-até que esta rotação abra, inexplicavelmente, fissuras praticáveis na parede.”*¹

Nesse sentido, o autor salienta a complexidade da sociedade e sua dimensão labiríntica. A complexidade é um desafio, exige transgressões, ousadias. Há todo um arcabouço teórico que necessita ser transformado, para que o imaginário social possa transformar-se. Não se deve ficar escravo de explicações deterministas, que recusam a idéia da história com criação. Castoriadis critica toda reflexão que legitima uma lógica conjuntista-identitária e que reforça o princípio da identidade, muito comum na sociedade capitalista. Depois que a psicanálise focalizou a força do inconsciente, seu lugar na construção dos nossos desejos, ampliou-se a visão que se tinha do ser humano. Castoriadis faz uso de muitos conceitos freudianos. Não é possível entender a sociedade humana, deixando de lado seus comportamentos antes considerados insignificantes, mas básicos para o mundo cheio de significações que precisam ser elucidadas, dentro de uma análise teórica mais ampla. Daí, ele privilegiar uma análise que ressalta a relatividade e a impossibilidade de se esgotar o “real”. O movimento histórico é dinâmico, como um magma, sintetiza a diversidade tão presente nas ações e nas representações humanas; seu ritmo nem sempre é o mesmo, pois tempos históricos heterogêneos convivem, criando um quadro de complexidade teórica, fugindo de uma perspectiva linear.

Além disso, questiona todo processo de socialização, dando destaque ao rompimento que sofre a mônada psíquica, sem o qual não podemos reconhecer o crescimento, nem tampouco na renovação do nosso imaginário social. Os homens são condicionados pelo histórico-social, com o qual contribui através de seu poder de criação, da sua possibilidade de construir o diferente ou de ser passivo diante das reações marcantes inseridas na convivência com os outros homens. O social assume um lugar decisivo nas elaborações teóricas de Castoriadis, um social que não foge da historicidade do fazer e do representar humanos. O imaginário social é um produto do coletivo anônimo e, através dele, se dão mudanças ou permanências, possuidoras de uma historicidade que, nem sempre, podemos compreendê-la na sua origem ou mesmo na sua constituição. O autor critica o pensamento ocidental por cultivar o determinismo e não a imaginação tão importante para se sedimentar a cultura.

Nas suas reflexões, ressalta o conformismo político que ameaça o poder de criação e reforça a mesmice do capitalismo, enfraquecendo o projeto de autonomia. Quem não se sente capaz de duvidar de certas verdades estabelecidas está distante de qualquer projeto de autonomia, que teve dois momentos preciosos: na Grécia antiga, na polis, onde havia um debate intenso sobre a ética e a política e na época das chamadas revoluções burguesas. Depois de 1950, entramos na era do conformismo, consagrando o conservadorismo e os valores do capitalismo, modo de produção claramente hegemônico em nosso tempo. Estamos presos num grande labirinto e pouco sabemos sobre a sua cartografia, lembrando algumas teses de Freud sobre os caminhos da construção das nossas vidas, sobretudo a compulsão à repetição. Vivemos sem um instrumental teórico que dê conta das suas incertezas e alimente a formação de utopias

Nesse sentido, vale lembrar a importância de admitir a relatividade do conhecimento, suas lacunas. O que foi vivido não será totalmente elucidado pelos saberes. Não acredita numa teoria que, magicamente, decifre enigmas que nos preocupam. As perguntas fundamentais (de onde vens? e para onde vais?) não têm ainda uma resposta satisfatória. Construimos uma cultura sem visualizar o seu sentido, perdidos na multiplicidade de conceitos que se atritam ou se complementam, mas infelizmente não conseguem banir das nossas vidas as angústias, a

violência e a desconfiança com outros. Mergulhamos num caos improdutivo, somos vítimas de um mundo que criamos, mas não sabemos como decifrá-lo e arquitetar uma sociedade igualitária e justa. A saída do labirinto está muito longe de ser encontrada, segundo Castoriadis.

A leitura do livro citado é fundamental para os historiadores que ousam ressignificar o conteúdo de suas narrativas, dentro de um diálogo mais profundo, que busca dialogar com outras áreas do conhecimento. Não podemos continuar vendo a história como um desfile de fatos e de datas, mantendo tradições. Na nossa tragédia históricas positivistas, acreditando que o vivido pode ser esgotado pela produção do conhecimento acadêmico. Depois dos ensinamentos dos Annales, o pensamento histórico se redimensionou e abriu espaço para interdisciplinaridade. Isso não significa o fim da História, mas um grande desafio para quem constrói sua pesquisa e sua análise, valorizando a capacidade de interpretação, aceitando compreensões múltiplas, deixando de lado a homogeneidade e a mesmice. O encontro com a obra de Castoriadis nos faz quebrar paradigmas e reconhecer a importância do coletivo anônimo para execução do projeto de autonomia, território da consagração da política como sinônimo de libertação das armadilhas do capitalismo e das tendências do pensamento totalitário que, ainda, se preserva em nossas culturas. Se é difícil produzir utopias e mais ainda torná-las concretas, temos que sinalizar para teorias que ultrapassem a superficialidade e arrisquem não ser espelhos do que foi dito e fracassou. A morte do instituído é uma das alternativas para pensar uma outra sociedade, onde haja efetivo interesse no instituinte, ponto de partida para reagirmos ao conformismo que esvazia a ação política.

Notas:

¹CASTORIADIS, Cornelius. *As Figuras do Pensável (As encruzilhadas do labirinto-VI)*. Tradução de Eliana Aguiar, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. p. 7.